

JOHN VERDON

**FECHE
OS BEM
OLHOS**





O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Naomi

Prólogo

A solução perfeita

*P*arou na frente do espelho e sorriu com profunda satisfação para seu próprio reflexo sorridente. Naquele momento, não podia estar mais contente consigo mesmo, com sua vida, com sua inteligência. Não, era mais do que isso, mais do que a mera inteligência. Seu estado mental podia ser descrito mais precisamente como uma profunda compreensão de tudo, uma compreensão que ia muito além do alcance normal da sabedoria humana. Viu o sorriso em seu rosto no espelho se alargar mais diante da adequação da expressão, que ele havia sublinhado na mente enquanto pensava nisso. Por dentro podia sentir – literalmente – o poder de sua percepção de todas as coisas humanas. Por fora, o curso dos acontecimentos era prova disso.

Em primeiro lugar, falando da forma mais simples possível, ele não fora descoberto. Cerca de 24 horas haviam se passado – faltavam apenas alguns minutos –, e nesse giro quase completo da Terra ele apenas ficara mais seguro. Mas isso era previsível: havia cuidado para garantir que não existisse pista a ser seguida nem lógica que levasse alguém até ele. E de fato ninguém aparecera. Ninguém o descobriria. Portanto, era razoável concluir que eliminar aquela vaca presunçosa fora um sucesso em todos os sentidos.

Tudo havia corrido de acordo com o plano: tranquilamente, conclusivamente. Conclusivamente era uma definição ótima. Tudo acontecera conforme o previsto, sem tropeços, sem surpresas. A não ser por aquele som. Cartilagem? Devia ser. O que mais?

Era uma coisa tão minúscula que não fazia sentido que houvesse criado uma impressão sensorial tão duradoura. Mas talvez a força, a durabilidade da impressão, tivesse sido simplesmente o resultado natural de sua sensibilidade fora do comum. Aquele nível de percepção tinha seu preço.

Sem dúvida aquele sonzinho, como um estalido, algum dia seria tão fraco em sua memória quanto a imagem de todo aquele sangue, que já começava a se desbotar. Era importante manter as coisas em perspectiva, lembrar-se de que tudo passa. Cada ondulação no lago acaba sumindo.

Primeira parte

O jardineiro mexicano

Capítulo 1

A vida no campo

Havia uma imobilidade no ar matinal de setembro que parecia a imobilidade de um submarino que desliza com os motores desligados para escapar dos equipamentos de escuta do inimigo. Toda a paisagem era mantida imóvel pela força invisível de uma calma gigantesca, a calma que precede uma tempestade, uma calma tão profunda e imprevisível quanto o oceano.

Fora um verão estranhamente quieto, com a seca exaurindo devagar a vida da grama e das árvores. Agora o verde das folhas estava se desbotando e ficando marrom e elas já haviam começado a cair silenciosamente dos galhos dos bordos e das bétulas, diminuindo a perspectiva de um outono colorido.

Dave Gurney estava de pé na cozinha, olhando pela porta envidraçada para o jardim e o gramado aparado que separava a casa do pasto que descia em direção ao lago e ao velho celeiro vermelho. Sentia-se um pouco desconfortável e desconcentrado, a atenção pairando entre o canteiro de aspargos no fim da horta e o pequeno trator de terraplenagem amarelo, ao lado do celeiro. Bebericou lentamente o café matinal, que esfriava no ar seco.

Adubar ou não – essa era a questão dos aspargos. Ou, ao menos, a primeira questão. Se a resposta fosse sim, haveria uma segunda questão: usar adubo a granel ou em sacos? O fertilizante, segundo fora informado por vários sites que Madeleine lhe indicara, era a chave para o sucesso com os aspargos, mas não estava totalmente claro se ele precisava complementar a aplicação feita na última primavera.

Nos dois anos em que estavam nas Catskills viera tentando, na medida do possível, mergulhar naqueles assuntos de casa e jardim a que Madeleine se dedicara com entusiasmo instantâneo, mas os incômodos cupins do arrependimento viviam roendo seus esforços – remorso não tanto pela compra dessa casa específica, com seus 20 hectares pitorescos, que ele continuava a considerar um bom investimento, mas pela decisão de mudar completamente de vida que estava ligada a ela: deixar o Departamento de Polícia de Nova York e se aposentar aos 46 anos. A pergunta incômoda era: será que havia trocado cedo demais seu distintivo de detetive de primeira classe pelas tarefas horticuloras de um futuro fidalgo rural?

Certos acontecimentos premonitórios sugeriam que sim. Desde que se mudara para aquele paraíso pastoral, ele havia desenvolvido um tique na pálpebra esquerda. Para sua consternação e a inquietação de Madeleine, ele começara a fumar de novo, esporadicamente, depois de 15 anos de abstinência. E, claro, havia o elefante branco na sala: sua decisão de se envolver no outono anterior, um ano depois de sua suposta aposentadoria, no horrível caso de assassinato Mellery.

Quase não sobrevivera à experiência e até colocara Madeleine em perigo durante o processo, e naquele momento de clareza que um contato próximo com a morte costuma proporcionar se sentira motivado durante um tempo a se dedicar por completo aos simples prazeres da nova vida rural. Mas há algo estranho na imagem cristalina de como a pessoa deveria viver. Se você não se agarra a ela todo dia, a visão se desbota rápido. Um momento de graça é apenas um momento de graça. Logo se torna uma espécie de fantasma, uma imagem pálida na retina, recuando para fora do alcance como a lembrança de um sonho, até se tornar nada mais do que uma nota dissonante na harmonia da vida.

Entender esse processo, como descobriu Gurney, não oferece uma chave mágica para revertê-lo. Logo, uma espécie de indiferença era a melhor atitude que ele conseguia assumir com relação à vida no campo. Era uma postura que o colocava fora de sintonia com sua mulher. Também o fazia pensar se alguém poderia mudar de verdade ou, de forma mais objetiva, se *ele* poderia mudar algum dia. Em seus momentos mais sombrios, ficava desanimado com a intransigência de seu modo de pensar, de seu modo de *ser*.

A situação do trator de terraplenagem era um bom exemplo. Ele havia comprado um velho trator usado pequeno, seis meses antes, descrevendo-o a Madeleine como uma ferramenta prática para a propriedade de 20 hectares de floresta e campina e os 400 metros de estradinha de terra. Ele o via como um meio de fazer os reparos necessários de paisagismo e outras melhorias – algo bom e útil. Mas ela pareceu enxergar a aquisição como o que de fato era: não um veículo que prometia seu envolvimento maior com a vida nova, mas um símbolo barulhento e fedendo a óleo diesel de seu descontentamento, de sua insatisfação com o ambiente dos dois, de sua infelicidade pela troca da cidade pelas montanhas, de sua mania controladora de tentar modificar um mundo novo e indesejável, deixando-o com a forma de seu próprio desejo. Ela só havia articulado a objeção uma vez, com esta simplicidade: “Por que você não pode aceitar tudo o que está à nossa volta como um presente, um presente lindo, e parar de tentar *consertá-lo?*”

Enquanto estava parado junto à porta de vidro, lembrando-se com descon-

forço do comentário, ouvindo em sua cabeça seu tom gentilmente exasperado, a voz real de Madeleine se intrometeu em seus pensamentos vindo de algum lugar atrás dele.

- Existe alguma chance de você olhar os freios da minha bicicleta até amanhã?
- Eu disse que ia olhar.

Ele tomou outro gole de café e se encolheu. Fazia um frio desagradável. Olhou para o velho relógio de pêndulo acima do aparador de pinho. Tinha quase uma hora livre antes de sair para dar uma das suas aulas ocasionais como professor visitante na Academia Estadual de Polícia em Albany.

– Você devia vir comigo um dia desses – convidou ela, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer.

– Vou, sim – falou ele, a resposta usual às sugestões periódicas de se juntar a ela num passeio de bicicleta pela paisagem ondulante de pastos e florestas que constituíam boa parte da região ocidental das Catskills.

Virou-se para ela. Madeleine estava parada junto à porta da sala de jantar e usava uma calça de malha gasta, um suéter largo e um boné de beisebol manchado de tinta. De repente ele não pôde deixar de sorrir.

– Que foi? – perguntou ela, inclinando a cabeça.

– Nada. – Às vezes a presença dela era tão encantadora que esvaziava sua mente de qualquer pensamento confuso, negativo. Madeleine era aquele tipo raro de criatura: uma mulher linda que parecia se importar muito pouco com a própria aparência. Ela se aproximou e parou junto dele, examinando a paisagem.

– Os cervos estiveram no comedor de pássaros – informou, parecendo mais entretida do que irritada.

Do outro lado do gramado, três alimentadores de pássaros presos em pedaços de pau estavam totalmente fora do lugar. Olhando para eles, Gurney percebeu que compartilhava, até certo ponto, da atitude benevolente de Madeleine com relação aos cervos e aos pequenos danos que eles provocavam – o que parecia curioso, já que seus sentimentos eram bem diferentes dos dela com relação à destruição causada pelos esquilos, que agora mesmo estavam consumindo as sementes que os cervos não tinham conseguido extrair do fundo dos alimentadores. Agitados, rápidos, de movimentos agressivos, eles pareciam motivados por uma fome obsessiva comum aos roedores, um desejo avarento e focado de consumir cada migalha de comida disponível.

Enquanto seu sorriso evaporava, Gurney olhou-os com uma espécie de irritabilidade que, avaliando objetivamente, ele suspeitava estar se tornando sua reação automática a muitas coisas – uma irritabilidade que decorria das falhas de seu casamento, e as evidenciava. Madeleine descrevia os esquilos como fasci-

nantes, inteligentes, ágeis, de uma energia e uma determinação espantosas. Ela parecia amá-los como amava a maioria das coisas na vida. Gurney, por outro lado, queria matá-los.

Bom, não *matá-los* literalmente, mas talvez acertá-los com uma pistola de ar comprimido capaz de arrancá-los dos alimentadores de pássaros e mandá-los voando para a floresta, onde era seu lugar. Matar era uma solução que jamais lhe atraía. Em todo o seu tempo no Departamento de Polícia de Nova York, em todos os anos como detetive de homicídios, nos 25 anos lidando com homens violentos numa cidade violenta, ele jamais havia sacado a arma em vão, mal a havia disparado fora de um estande de tiros, e não queria começar agora. O que quer que o tivesse atraído no trabalho policial, que o fizera se dedicar ao serviço durante tantos anos, com certeza não fora o apelo de uma arma ou a solução enganosamente simples que ela oferece.

Percebeu que Madeleine o olhava com aquela sua expressão curiosa, avaliadora – provavelmente adivinhando, pela tensão no queixo dele, seus pensamentos sobre os esquilos. Em resposta à aparente clarividência dela, Gurney queria dizer algo que justificasse sua hostilidade contra os ratos de cauda fofa, mas o toque do telefone o interrompeu – de fato, os toques de dois telefones soaram ao mesmo tempo: o telefone fixo no escritório e seu celular no aparador da cozinha. Madeleine foi para o escritório. Gurney pegou o celular.

Capítulo 2

A noiva trucidada

Jack Hardwick era um cínico detestável, irritante, de olhos lacrimosos, que bebia demais e achava quase tudo na vida uma piada. Tinha poucos admiradores entusiasmados e à primeira vista não inspirava confiança. Gurney estava convencido de que, se todas as motivações questionáveis de Hardwick acabassem, não lhe restaria nenhuma motivação.

Mas Gurney também o considerava um dos detetives mais inteligentes e perspicazes com quem já trabalhara. Assim, quando encostou o telefone no ouvido, aquela inconfundível voz áspera gerou sentimentos confusos.

– Davey, meu garoto!

Gurney se retraiu. Não era um cara que gostasse dessas intimidades, nunca seria, e presumiu que tinha sido justamente por isso que Hardwick escolhera essa maneira especial de falar.

– O que posso fazer por você, Jack?

A gargalhada do sujeito era irritante e impertinente, como sempre.

– Quando trabalhamos no caso Mellery você costumava se gabar de acordar junto com as galinhas. Então resolvi ligar para ver se era verdade.

Havia uma certa quantidade de bobagens que a pessoa sempre precisava suportar antes que Hardwick se dignasse a entrar no assunto.

– O que você quer, Jack?

– Você tem alguma galinha de verdade nessa sua fazenda, correndo por aí, cacarejando e cagando, ou esse negócio de “acordar com as galinhas” é só força de expressão?

– O que você quer, Jack?

– Por que diabo eu haveria de querer alguma coisa? Um velho amigo não pode ligar em nome dos velhos tempos?

– Não venha com essa babaquice de “velho amigo”, Jack. Diga logo por que ligou.

De novo a gargalhada.

– Que frieza, Gurney, que frieza...

– Olhe, eu ainda não tomei minha segunda xícara de café. Se não for direto ao assunto nos próximos cinco segundos, vou desligar. Cinco... quatro... três... dois... um...

– Noiva trucidada no próprio casamento. Achei que você poderia se interessar.

– Por que eu me interessaria por isso?

– Porra, como um detetive ás dos homicídios não se interessaria? Eu disse que ela foi “trucidada”? Deveria ter dito “retalhada”. A arma do crime foi um facão.

– O ás está aposentado.

Seguiu-se uma longa e alta gargalhada.

– Sem brincadeira, Jack. Estou aposentado mesmo.

– Assim como estava quando pulou em cima do caso Mellery?

– Aquele foi um desvio temporário.

– Tem certeza?

– Olhe, Jack... – Gurney estava perdendo a paciência.

– Tudo bem. Você está aposentado. Saquei. Agora me dê dois minutos para explicar a oportunidade aqui.

– Jack, pelo amor de Deus...

– Dois minutinhos. Dois. Porra, você está tão ocupado massageando as bolas de golfe da aposentadoria que não pode conceder dois minutos ao seu velho parceiro?

A imagem provocou o pequeno espasmo na pálpebra de Gurney.

– Nunca fomos parceiros.

– Como você pode ser capaz de dizer isso?

– Nós trabalhamos juntos em dois casos. Não fomos *parceiros*.

Se fosse totalmente honesto, Gurney teria de admitir que ele e Hardwick tinham, ao menos num aspecto, um relacionamento especial. Dez anos antes, atuando em jurisdições separadas por 160 quilômetros e em diferentes aspectos do mesmo caso de homicídio, cada um havia descoberto uma metade do corpo decepado da vítima. Esse tipo de acaso feliz no trabalho de detetive pode criar um elo forte, ainda que bizarro.

Hardwick baixou a voz para o tom sincero-patético.

– Eu tenho os dois minutos ou não?

Gurney desistiu.

– Desembucha.

Hardwick voltou a seu característico estilo oratório de apresentador de circo com câncer de garganta.

– É óbvio que você é um cara ocupado, então vou direto ao ponto. Quero lhe fazer um favor gigantesco. – Ele fez uma pausa. – Ainda está aí?

– Fale mais rápido.

– Filho da puta ingrato! Certo, o que eu tenho para você é o seguinte: assassinato fenomenal cometido há quatro meses. Mocinha rica e mimada se casa com psiquiatra famoso. Uma hora depois, na festa do casamento na mansão do noivo, o jardineiro louco que trabalhava para ele decapita a moça com um facão e foge.

Gurney tinha uma leve lembrança de ter visto algumas manchetes de tabloides na ocasião, provavelmente relacionadas com o caso: DA FELICIDADE AO BANHÃO DE SANGUE e NOIVA TRUCIDADA. Esperou que Hardwick prosseguisse. Em vez disso, o sujeito tossiu de modo tão nojento que Gurney afastou o fone do ouvido.

Por fim Hardwick perguntou de novo:

– Ainda está aí?

– Estou.

– Silencioso feito um cadáver. Você deveria emitir pequenos bipes a cada 10 segundos, para as pessoas saberem que ainda está vivo.

– Jack, por que diabo está me ligando?

– Estou lhe entregando o caso mais importante da sua vida.

– Não sou mais policial. Não estou entendendo aonde você quer chegar.

– Acho que sua audição está falhando por causa da velhice. Quantos anos você tem, 48 ou 88? Escute, aqui vai o resumo da história: a filha de um dos neurocirurgiões mais ricos do mundo se casa com um controverso psiquiatra figurão, que apareceu em programas de entrevistas e tudo... Uma hora depois, no meio de 200 convidados, ela entra no chalé do jardineiro. Tomou alguns drinques, quer que o cara participe do brinde nupcial. Ao perceber que ela está demorando a voltar, o marido manda alguém procurá-la, mas a porta do chalé está fechada e ninguém atende. Então o marido, o renomado Dr. Scott Ashton, bate à porta e a chama. Ninguém responde. Ele pega uma chave, abre a porta e a encontra sentada ali, vestida de noiva, com a cabeça decepada. A janela dos fundos do chalé está aberta, sem o jardineiro à vista. Logo todos os policiais das redondezas estão no lugar. Caso você ainda não tenha entendido, essas pessoas são muito importantes. O caso cai no nosso colo, no Bureau de Investigação Criminal. Mais especificamente, no meu colo. O negócio começa de modo simples: encontrar o jardineiro maluco. Então passa a ficar complicado: ele não era um jardineiro comum. O renomado Dr. Ashton meio que o havia posto sob suas asas. Hector Flores, o jardineiro, era um trabalhador mexicano ilegal. Ashton o contratou e logo percebeu que o sujeito era inteligente, muito inteligente, por isso começou a testá-lo, estimulá-lo, educá-lo. Num período de dois a três anos Hector se tornou mais um protegido do doutor do que seu varredor de folhas. Era quase membro da família. Parece que, com a nova posição, ele até teve um caso com a mulher de um vizinho de Ashton. Personagem interessante, o *señor* Flores. Depois do assassinato ele desapareceu da face da Terra, junto com a mulher do vizinho. O último traço concreto de Hector é o facão sangrento que ele largou a 150 metros do chalé, na floresta.

– E onde tudo isso vai dar?

– Em lugar nenhum.

– Como assim?

– Meu brilhante capitão tinha uma certa visão sobre o caso. Talvez você se lembre de Rod Rodriguez.

Gurney se lembrou dele com um tremor. Havia 10 meses – seis meses antes do assassinato que Hardwick descrevia –, Gurney se envolvera extraoficialmente numa investigação controlada por uma unidade do Bureau de Investigação Criminal da polícia do estado comandada pelo rígido e ambicioso Rodriguez.

– A ordem dele era interrogarmos cada mexicano que estivesse a menos de 30 quilômetros do crime e ameaçá-lo com todo tipo de merda até que um deles nos levasse a Hector Flores. E, se isso não funcionasse, deveríamos estender o raio para 80 quilômetros. Ele queria todos os recursos direcionados para isso.

– E você não concordou com ele.

– Havia outras opções que valia a pena explorar. É possível que Hector não fosse o que aparentava. O negócio todo tinha um ar estranho.

– E o que aconteceu?

– Eu disse ao Rodriguez que ele estava fazendo merda.

– Sério? – Gurney sorriu pela primeira vez.

– Sério. Por isso fui tirado do caso. E ele foi dado ao Blatt.

– Blatt? – O nome tinha gosto de comida estragada. Gurney se lembrava do investigador Arlo Blatt como o único detetive do Bureau de Investigação Criminal que era mais irritante do que Rodriguez. Blatt personificava uma atitude que o professor predileto de Gurney na faculdade havia descrito como “ignorância armada e pronta para a batalha”.

Hardwick prosseguiu.

– Blatt fez exatamente o que Rodriguez mandou e não chegou a lugar algum. Quatro meses se passaram e hoje sabemos menos do que quando começamos. Mas dá para ver que você está pensando: o que isso tudo tem a ver com Dave Gurney?

– De fato a pergunta me passou pela cabeça.

– A mãe da noiva não está satisfeita. Ela suspeita que a investigação foi malfeita. Não confia em Rodriguez, pensa que Blatt é um idiota. Mas acha você um gênio.

– Acha o quê?

– Ela veio me procurar na semana passada, quatro meses depois do assassinato, imaginando se eu poderia voltar ao caso ou ao menos continuar trabalhando nele sem que ninguém soubesse. Eu lhe disse que isso era impossível, que minhas mãos estavam atadas, que eu já estava pisando em ovos no departamento, mas que por acaso tinha contato pessoal com o detetive mais condecorado da história do Departamento de Polícia de Nova York, aposentado mas ainda cheio de energia e vigor, um homem que ficaria felicíssimo em lhe dar uma alternativa para a abordagem de Rodriguez e Blatt. Agora a cereja do bolo: por acaso eu tenho uma cópia daquela materiazinha linda que a revista *New York* fez sobre você depois que resolveu o caso do Papai Noel Satânico. Como foi que o chamaram? Supertira? Ela ficou impressionada.

Gurney fez uma careta. Várias reações possíveis colidiam em sua cabeça, uma anulando a outra.

Hardwick pareceu encorajado por seu silêncio.

– Ela adoraria conhecer você. Ah, ainda não mencionei? Ela é lindíssima: tem 40 e poucos anos mas aparenta uns 30. E deixou claro que dinheiro não é problema. Você pode cobrar o que quiser. Sério, 200 dólares por hora não seriam um problema. Não que você seja motivado por uma coisa tão baixa quanto dinheiro.

– Por falar em motivação, qual é a sua?

O esforço de Hardwick para parecer inocente foi cômico.

– Ver a justiça ser feita. Ajudar uma família que comeu o pão que o diabo amassou. Perder um filho deve ser a pior coisa do mundo, não é?

Gurney ficou paralisado. A menção à perda de um filho ainda tinha o poder de provocar um tremor em seu peito. Fazia mais de 15 anos que Denny, com apenas 4 anos na época, corraera para a rua quando Gurney não estava olhando, mas ele descobrira que o luto não é uma experiência que se vivencia uma vez e depois se segue em frente. A verdade é que o luto passa por uma pessoa em diferentes ondas separadas por períodos de entorpecimento, de esquecimento, de vida cotidiana.

– Ainda está aí?

Gurney resmungou e Hardwick prosseguiu.

– Quero fazer o que puder por essas pessoas. Além disso...

– Além disso – interrompeu Gurney, falando rápido, colocando sua emoção debilitante de lado –, se eu me envolvesse, o que não tenho a intenção de fazer, Rodriguez ficaria furioso, não é? E se eu conseguisse descobrir alguma coisa, algo novo, algo significativo, ele e Blatt estariam em maus lençóis, não é? Será que esse poderia ser um dos seus motivos?

Hardwick pigarreou de novo.

– Esse é um modo bem sacana de ver a coisa. O fato é que temos uma mãe desolada que não está satisfeita com o progresso da investigação policial, coisa que posso entender, já que o incompetente do Arlo Blatt e sua turma arrocharam cada mexicano neste país e não chegaram a lugar algum. Ela está desesperada por um detetive de verdade. Por isso estou pondo essa galinha dos ovos de ouro no seu colo.

– Ótimo, Jack, mas não estou no ramo da investigação particular.

– Pelo amor de Deus, Davey, só converse com ela. É só isso que estou pedindo: apenas fale com ela. Ela está solitária, vulnerável, é linda de morrer e tem uma grana preta para torrar. E bem no fundo, Danny, meu garoto, bem no fundo há algo de selvagem naquela mulher. Isso eu posso garantir. Juro por Deus!

- Jack, a última coisa que eu preciso agora...
- É, eu sei, você tem um casamento feliz, é apaixonado por sua mulher, blá-blá-blá. Certo. Tudo bem. E talvez você não se importe com a chance de enfim revelar Rod Rodriguez como o completo babaca que ele é de fato. Certo. Mas esse caso é *complexo*. – Ele deu um significado profundo à palavra, fazendo com que esta parecesse a característica mais preciosa de todas. – Ele tem *camadas*, Davey. É uma porra de uma cebola.
- E?
- Você é um descascador de cebola nato. O melhor que existe.

Capítulo 3

Órbitas elípticas

Quando Gurney enfim notou Madeleine junto à porta do escritório, não soube dizer há quanto tempo ela estava ali parada nem há quanto tempo ele próprio se encontrava junto à janela olhando o pasto dos fundos, que subia em direção à montanha coberta de árvores. Nem se sua vida dependesse disso ele conseguiria descrever o padrão atual do pasto, com arnicas resplandcentes, grama ficando marrom e cardos azuis para os quais parecia olhar. Mas poderia praticamente recitar a narrativa de Hardwick ao telefone, palavra por palavra.

– E? – indagou Madeleine.

– E? – repetiu ele, como se não tivesse entendido a pergunta.

Ela deu um sorriso impaciente.

– Era Jack Hardwick. – Gurney já ia perguntar se ela se lembrava de Jack Hardwick, investigador-chefe do caso Mellery, quando a expressão de Madeleine deixou claro que não precisava. Era a fisionomia que ela mostrava sempre que ouvia um nome associado àquela terrível cadeia de assassinatos.

Ela o encarou, aguardando, sem piscar.

– Ele quer a minha opinião.

Madeleine continuou esperando.

– Pediu que eu fale com a mãe de uma jovem morta no dia de seu casamento.

– Estava prestes a dizer como ela fora assassinada, descrever os detalhes peculiares, mas percebeu que seria um erro.

Madeleine assentiu de forma quase imperceptível.

– Você está bem? – quis saber ele.

– Estava pensando em quanto tempo demoraria.

– Quanto tempo...?

– Até você encontrar outra... situação que exigisse sua atenção.

– Só vou conversar com ela.

– Certo. E então, depois de uma longa e agradável conversa, vai concluir que não há nada de especialmente interessante no fato de uma mulher ter sido morta no dia de seu casamento, vai bocejar e ir embora. É isso que você acha que vai acontecer?

A voz dele ficou tensa, por reflexo.

– Não tenho informações suficientes para saber o que vai acontecer.

Ela lhe ofereceu o sorriso cético que era sua marca registrada.

– Preciso ir – informou. Depois, parecendo notar a pergunta nos olhos dele, acrescentou: – A clínica, lembra? Vejo você à noite. – E saiu.

A princípio ele ficou apenas olhando a passagem da porta vazia. Depois pensou que deveria ir atrás dela, então começou a fazer isso, chegou até o meio da cozinha, parou e imaginou o que diria. Não fazia ideia, mas achou que deveria ir assim mesmo e saiu pela porta lateral junto ao jardim. No entanto, quando deu a volta até a frente da casa o carro dela já estava na metade da estradinha irregular que dividia o pasto baixo em dois. Imaginou se ela o via pelo retrovisor e se fazia diferença ter saído atrás dela.

Nos últimos meses achara que as coisas estavam correndo muito bem. A emoção crua no fim do pesadelo do caso Mellery havia se transformado em uma espécie de paz. Ele e Madeleine tinham aos poucos assumido, de forma suave e quase inconsciente, padrões de comportamento afetuosos ou ao menos tolerantes que pareciam órbitas elípticas isoladas. Enquanto Gurney dava suas aulas ocasionais na Academia Estadual de Polícia, ela atuava em regime de meio expediente na clínica de saúde mental da região, fazendo internações e avaliações. Sua experiência como assistente social a tornava obviamente qualificada demais para o cargo, mas o trabalho parecia dar uma sensação de equilíbrio em relação ao casamento deles, um alívio da pressão exercida pelas expectativas pouco realistas de um com relação ao outro. Ou isso era apenas uma ilusão?

Ilusão, o calmante universal.

Gurney ficou parado na grama e viu o carro dela desaparecer atrás do celeiro em direção à estradinha que levava à cidade. Seus pés estavam frios. Olhou para baixo e descobriu que saíra calçando apenas meias, que agora absorviam o or-

valho da manhã. Quando se virou para entrar de novo em casa, um movimento junto ao celeiro atraiu seu olhar.

Um coioote solitário havia emergido da floresta e andava pela clareira entre o celeiro e o laguinho. Na metade da travessia o animal parou, virou a cabeça na direção de Gurney e o estudou por longos 10 segundos. Era um olhar inteligente, pensou Gurney. Um olhar de pura avaliação, desprovido de emoção.

Capítulo 4

A arte de enganar

— Qual é o objetivo de todo trabalho policial sob disfarce?

A pergunta de Gurney foi recebida com várias expressões de interesse e dúvida pelas 39 pessoas na sala de aula. A maioria dos professores convidados começava as palestras se apresentando e relacionando os pontos altos de seu currículo, depois fazia um resumo dos assuntos a serem abordados, o conteúdo do curso e seus objetivos, blá-blá-blá – uma visão geral à qual ninguém prestava muita atenção. Gurney preferia ir direto ao ponto, em particular num grupo de discussão como aquele, composto por policiais experientes. E, de qualquer modo, eles sabiam quem ele era. Era famoso nos círculos policiais. Em termos profissionais, sua reputação era praticamente a melhor possível, e desde a aposentadoria do Departamento de Polícia de Nova York, dois anos antes, ela só havia crescido – se é que ser visto com níveis cada vez maiores de respeito e admiração, mas também inveja e ressentimento, podia ser considerado algo positivo. Pessoalmente, ele preferiria não ter reputação nenhuma, não precisar estar à altura de nenhuma expectativa. Ou abaixo dela.

– Pensem bem – disse com suavidade, fazendo contato visual com o máximo de pessoas possível. – Qual é a única coisa que vocês precisam conseguir em qualquer situação sob disfarce? Esta é uma pergunta muito importante.

Alguém levantou a mão na primeira fila, um homem com um corpo enorme de jogador de futebol americano e o rosto jovem e confuso.

– O objetivo não seria diferente em cada caso?

– A *situação* seria diferente – explicou Gurney, assentindo de modo afável.

– As pessoas seriam diferentes. Os riscos e as recompensas seriam diferentes.

A profundidade e a duração de sua imersão no ambiente seriam diferentes. O personagem que você projeta e sua história poderiam ser bem diferentes. A natureza das informações ou das provas a serem obtidas variaria de caso a caso. Sem dúvida há um monte de diferenças. Mas – ele fez uma pausa, de novo com o máximo de contato visual possível, antes de continuar com ênfase crescente – há um objetivo comum em cada tarefa. É o seu alvo principal como policial infiltrado. Todos os outros objetivos de uma operação dependem de alcançar esse objetivo primário. Sua vida depende dele. Digam o que acham que seja.

Durante quase meio minuto a sala ficou em silêncio absoluto e o único movimento era o de testas se franzindo. Esperando as respostas que ele sabia que acabariam surgindo, Gurney olhou o ambiente ao redor – as paredes de blocos de concreto com sua pintura bege fosca; o piso de placas de vinil com padrões marrons que se confundiam com os arranhões em sua superfície; as fileiras de longas mesas de fórmica cinza com pintas, gastas pelo tempo, que serviam como carteiras compartilhadas; as cadeiras duras de plástico laranja com pés de tubo cromado que tinham um brilho estranhamente deprimente eram pequenas demais para os ocupantes grandes e musculosos. Como uma cápsula do tempo da feiura arquitetônica dos anos 1970, a sala era uma triste cópia da última delegacia em que ele trabalhara na cidade.

– Juntar informações exatas? – tentou alguém com uma expressão interrogativa na segunda fila.

– É uma sugestão razoável – disse Gurney, de forma encorajadora. – Mais alguma ideia?

Meia dúzia de respostas se seguiu rapidamente, a maioria vinda da frente da sala, quase todas variações do tema da informação exata.

– Mais alguém? – instigou Gurney.

– O objetivo é tirar os bandidos da rua – foi o comentário em forma de um rosnado exausto vindo da última fila.

– Impedir o crime – afirmou outro.

– Obter a verdade, toda a verdade, os fatos, os nomes, descobrir o que está acontecendo, quem está fazendo o quê, com quem, qual é o plano, quem é o cara, quem fica no topo da cadeia alimentar, descobrir onde está o dinheiro, merdas desse tipo. Basicamente, você quer descobrir tudo o que há para ser descoberto. Simples assim. – O sujeito moreno e magro que soltou essa ladainha de objetivos com os braços cruzados no peito se encontrava sentado bem na direção de Gurney. Seu risinho anunciava que não havia mais nada a ser dito sobre o assunto. O nome informado em sua plaquinha de identificação no tampo da mesa comprida era “Detetive Falcone”.

– Mais alguma ideia? – perguntou Gurney afavelmente, examinando os cantos mais distantes da sala. O magricelo pareceu entediado.

Depois de uma longa pausa, uma das três mulheres presentes falou em voz baixa mas confiante, com sotaque hispânico:

– Estabelecer e manter a confiança.

– O quê? – A pergunta veio de três direções diferentes ao mesmo tempo.

– Estabelecer e manter a confiança – repetiu ela, um pouco mais alto.

– Interessante – afirmou Gurney. – Por que esse é o objetivo mais importante? Ela deu de ombros, como se a resposta fosse a coisa mais óbvia do mundo.

– Porque se você não tiver a confiança das pessoas, não terá nada.

Gurney sorriu.

– “Se você não tiver a confiança das pessoas, não terá nada.” Muito bem. Alguém discorda disso?

Ninguém discordava.

– É claro que queremos a verdade – falou Gurney. – Toda a verdade, com todos os detalhes incriminadores, como observou o detetive Falcone.

O sujeito olhou-o friamente.

– Mas, como disse esta outra policial, sem confiança o que nos sobra? – continuou Gurney. – Nada. Então, em primeiro lugar sempre vem a confiança. Coloque a confiança em primeiro lugar e você terá uma boa chance de obter a verdade. Coloque obter a verdade em primeiro lugar e você terá uma boa chance de levar uma bala na nuca.

Algumas pessoas balançaram a cabeça assentindo e a atenção geral aumentou um pouco.

– Isso nos leva à segunda grande questão de hoje: *como podemos conseguir isso?* De que maneira vocês tentarão estabelecer o nível de confiança que não somente irá mantê-los vivos como também fará com que o trabalho sob disfarce dê resultado? – Gurney estava gostando do assunto. À medida que sua energia aumentava, podia vê-la começando a se espalhar pela plateia. – Lembrem-se: nesse jogo vocês lidarão com pessoas naturalmente desconfiadas. Alguns desses caras são muito impulsivos. Não somente podem atirar em vocês no ato como também sentirão orgulho disso. Eles gostam de parecer maus. Gostam de parecer espertos, rápidos, decididos. Como conquistar a confiança deles? Como sobreviver por tempo suficiente para fazer com que a operação valha a pena?

Desta vez as respostas vieram mais depressa.

– Agindo e se comportando como eles.

– Agindo como a pessoa que você supostamente é.

– Mantendo a coerência. Agarrando-se à sua identidade falsa, custe o que custar.

– Acreditando na identidade. Acreditando que você é de fato quem diz ser.

– Ficando frio sempre. Sem suar, sem demonstrar medo.

– Sendo corajoso.

– Tendo colhões.

– Acreditando em sua própria verdade, neném. Eu sou quem eu sou. Sou invencível. Intocável. Não me sacaneie.

– É, fazendo-os acreditar que você é o Al Pacino em *O poderoso chefão* – disse Falcone, tentando em vão ser engraçadinho e conseguindo apenas interromper o ímpeto do grupo.

Gurney ignorou-o e olhou de forma interrogativa para a mulher de origem hispânica.

Ela hesitou.

– Você precisa provar a eles a sua verdade.

Isso provocou alguns risinhos pela sala e um riso de desprezo de Falcone.

– Cresçam, seus babacas – falou ela calmamente. – O que eu quero dizer é que você tem de fazer com que eles vejam alguma coisa *verdadeira* em você. Alguma coisa que eles possam sentir, que saibam, no fundo, que é real. Não pode ser tudo papo furado.

Gurney sentiu uma agradável onda de empolgação, o que acontecia sempre que reconhecia um aluno excelente numa das turmas. Era uma experiência que reforçava sua decisão de participar como professor convidado naqueles seminários.

– “Não pode ser tudo papo furado” – repetiu ele, em voz alta o suficiente para todo mundo escutar. – Isso é absolutamente verdadeiro. *A emoção autêntica, a emoção verossímil, é essencial para o disfarce funcionar.* Seu personagem deve se basear numa parte emocional sua que seja real. Não pode ser tudo falso, tudo papo furado, porque isso raramente funciona. O papo furado faz com que pessoas infiltradas sejam mortas.

Ele fez um exame rápido dos 39 rostos e descobriu que agora tinha a atenção completa de pelo menos 35.

– Então, está tudo ligado à confiança. À credibilidade. Quanto mais o alvo acreditar em você, mais você vai obter dele. E grande parte da confiança dele em você depende de sua capacidade de atribuir emoções verdadeiras ao seu papel artificial, de usar uma parte real de você mesmo para dar vida à sua personalidade falsa: raiva, fúria, cobiça, luxúria, nojo. Qualquer coisa que o momento pedir.

Deu as costas para eles de forma ostensiva, a fim de colocar uma velha fita de vídeo num aparelho embaixo de um grande monitor encostado na parede da frente. Depois que verificou que estava tudo conectado, virou-se de volta. Mas nesse momento sua expressão – na verdade todo o seu corpo, o modo como se movia, que dava a impressão de que ele estava lutando para conter um vulcão de fúria – provocou uma onda de perplexidade e tensão por toda a turma.

– Se quiserem que algum filho da puta engula sua história, é melhor acharem um lugar sombrio dentro de vocês, e então falem com ele a partir desse lugar. Deixem o filho da puta saber que bem no fundo de vocês existe um desgraçado ainda mais maluco do que ele, que algum dia vai arrancar o coração de outro filho da puta, mastigá-lo e cuspi-lo na porra da cara dele. Mas que por enquanto, só por enquanto, você está mantendo sob controle o cachorro raivoso que mora dentro de você. Está mantendo sob controle por pouco.

Ele deu um passo súbito na direção da primeira fila e notou com satisfação que todo mundo, inclusive Falcone – especialmente Falcone –, se inclinou para trás de forma brusca, numa posição defensiva.

– Muito bem – disse Gurney com um sorriso tranquilizador, retomando a postura normal. – Este foi apenas um rápido exemplo do lado emocional. Emoção verossímil. A maioria de vocês teve uma reação vinda do âmago a essa raiva, a essa loucura. Seu primeiro pensamento foi que era real, que esse tal de Gurney tem um parafuso frouxo, certo?

Houve alguns gestos de assentimento, alguns risos nervosos, enquanto as pessoas na sala iam relaxando.

– Então o que você quer dizer? – perguntou Falcone, tenso. – Que em algum lugar dentro de você existe uma porra de um lunático?

– Por enquanto vou deixar essa pergunta em aberto.

Houve outros risos, mais amigáveis dessa vez.

– Mas o fato é que existe mais maldade dentro de cada um de nós, de todos nós, do que imaginamos. Não deixem que ela se desperdice. Encontrem-na e usem-na. Na vida sob disfarce, esse lado negro que você normalmente não quer encarar pode ser seu bem mais valioso, o tesouro enterrado que salva sua vida.

Havia exemplos pessoais que ele poderia ter dado, situações em que havia tirado um ladrilho negro do mosaico de sua infância e o ampliado até formar um mural infernal que enganara alguns adversários muito perspicazes. Na verdade, o exemplo mais convincente desse processo ocorrera no fim do caso Mellery, menos de um ano antes. Mas ele não entraria nesse assunto agora. A questão estava ligada a alguns problemas não resolvidos de sua vida, coisas em que ele não

queria pensar nesse momento, principalmente numa palestra. Além disso, não era necessário. Tinha a sensação de que já conquistara os alunos. As mentes encontravam-se mais abertas. Eles tinham parado de resistir. Estavam receptivos, pensando, imaginando.

– Certo, como eu disse, essa era a parte emocional. Agora quero levá-los ao próximo nível, aquele em que o cérebro e as emoções se juntam e tornam você o melhor agente infiltrado possível, e não somente um cara com roupas esfarrapadas e a bunda de fora tentando parecer um viciado em crack.

Alguns sorrisos, ombros encolhidos, uma testa franzida aqui e outra ali.

– Agora quero que vocês perguntem a si mesmos algo estranho. Quero que se perguntem por que acreditam nas coisas em que acreditam. *Por que eu acredito no que acredito?*

Antes que tivessem tempo de se perder nas profundezas abstratas dessa linha de pensamento ou ficassem estacados nela, ele apertou o play no aparelho de videocassete. Quando a primeira imagem apareceu, Gurney disse:

– Enquanto assistem a esse vídeo, pensem nesta pergunta: *Por que eu acredito no que acredito?*

Capítulo 5

A ilusão do eureka

Era uma cena famosa de um filme conhecido, mas, enquanto examinava os rostos na sala, Gurney não viu qualquer sinal de reconhecimento. Na tela, um homem mais velho interroga um mais novo.

O mais novo está ansioso para trabalhar para a Irgun, uma organização radical que luta para estabelecer uma pátria judia na Palestina no fim da Segunda Guerra Mundial. Ele se apresenta alardeando que é especialista em demolições com experiência de combate e diz que adquiriu seus conhecimentos sobre dinamite lutando contra os nazistas no gueto de Varsóvia. Afirmar que, depois de matar muitos nazistas, foi capturado e aprisionado no campo de concentração de Auschwitz, onde recebeu um serviço de rotina fazendo limpeza.

O homem mais velho quer saber mais. Faz várias perguntas específicas sobre sua história, sobre o campo, sobre suas tarefas.

A versão do jovem para os acontecimentos começa a desmoronar quando o interrogador revela que não havia dinamite disponível no gueto de Varsóvia. À medida que sua narrativa heroica cai por terra, ele é obrigado a admitir que aprendeu o que sabe sobre dinamite por causa de sua verdadeira função no campo, que era explodir buracos no chão grandes o suficiente para receber os milhares de corpos de seus colegas prisioneiros que eram mortos todos os dias nas câmaras de gás. Além disso, o mais velho o faz admitir, de modo ainda mais degradante, que sua outra tarefa era tirar as obturações de ouro da boca dos cadáveres. E finalmente, desmoronando em lágrimas de raiva e vergonha, o rapaz admite que seus captores o estupravam uma vez atrás da outra.

A verdade crua é exposta – junto com o desespero de se redimir. A cena é concluída com sua introdução à Irgun.

Gurney desligou o aparelho.

– Então – começou ele, virando-se para os 39 rostos –, de que se trata isso?

– Toda entrevista deveria ser simples assim – disse Falcone, sem dar importância à questão.

– E rápida também – completou alguém da última fila.

Gurney assentiu.

– Tudo nos filmes sempre parece mais simples e mais rápido do que na vida real. Mas nessa cena acontece uma coisa muito interessante. Quando vocês se lembrarem dela daqui a uma semana ou um mês, que aspecto acham que permanecerá na memória?

– O cara sendo estuprado – respondeu um cara de ombros largos perto de Falcone.

Murmúrios de concordância se espalharam pela sala, encorajando outras pessoas a falar.

– O desmoronamento dele durante o interrogatório.

– É, o papo de machão se evaporando.

– O engraçado – afirmou a única mulher negra – é que ele começa contando mentiras sobre si mesmo para conseguir o que deseja, mas acaba alcançando seu objetivo justamente quando enfim diz a verdade. Aliás, que diabo é Irgun?

Isso provocou a maior gargalhada de todas.

– Certo – falou Gurney. – Vamos fazer uma análise mais profunda. O rapaz ingênuo quer entrar na organização. Conta um monte de mentiras para parecer apropriado. O sujeito mais velho e mais esperto vê além, desmascara o papo furado, arranca a verdade dele. E, por acaso, o horror da verdade torna o garoto um candidato psicológico ideal para a fanática Irgun. Então deixam que ele entre. Isso resume bem o que acabamos de ver?

Houve vários assentimentos e grunhidos de concordância, alguns mais cautelosos do que outros.

– Alguém acha que não foi isso que vimos?

A estrela hispânica de Gurney pareceu incomodada. Ele riu, dando a ela o empurrão de que necessitava.

– Não estou dizendo que não foi o que eu vi. É um filme, eu sei, e no filme o que você disse provavelmente é verdade. Mas se fosse a vida real, um vídeo de entrevista real, poderia não ser verdade.

– Que diabo isso quer dizer? – sussurrou alguém, em uma voz não muito baixa.

– Vou lhe contar que diabo isso quer dizer – respondeu ela, eriçando-se diante do desafio. – Quer dizer que não existe nenhuma prova de que o velho conseguiu mesmo a verdade. Então o cara novo desmorona e diz que levou na bunda, com o perdão da expressão. “Buá, buá, no fim das contas não sou nenhum herói, sou só uma bichinha patética que pagava boquete pros nazistas.” E como a gente pode saber se *essa* história *também* não é papo furado? Talvez a bichinha seja mais inteligente do que parece.

Meu Deus, pensou Gurney, *ela conseguiu de novo*. Ele decidiu aproveitar o silêncio especulativo que se seguiu à exposição impressionante que ela fizera.

– O que nos leva à pergunta com a qual começamos. *Por que acreditamos no que acreditamos?* Como esta policial muito perspicaz acabou de observar, o interrogador na cena pode não ter obtido a verdade. A questão é: o que o fez achar que obteve?

Essa nova reviravolta produziu várias reações.

– Às vezes a intuição da gente diz o que é verdade e o que é mentira, sacou?

– Talvez o desmoronamento do garoto tenha parecido legítimo para ele. Talvez a gente tivesse de estar lá para captar a atitude.

– No mundo real o interrogador teria mais informações do que está colocando na mesa. Pode ser que a confissão do garoto corresponda a uma dessas informações, confirme alguma coisa.

Outros policiais ofereceram variações desses temas. Alguns não disseram nada e se limitaram a ouvir atentamente cada palavra. Outros ainda, como Falcone, pareciam estar com a cuca fundida por causa da pergunta.

Quando pareceu que o fluxo de respostas ia parar, Gurney apresentou outra questão:

– Vocês acham que um interrogador determinado poderia ser enganado alguma vez por sua própria ilusão?

Houve alguns gestos de concordância, alguns grunhidos afirmativos, algumas expressões de indecisão dolorida ou talvez de simples indigestão.

Um cara no final da segunda fila, com o pescoço grosso como uma tora emergindo de uma camiseta preta, braços de Popeye cheios de tatuagens, cabeça raspada e olhos minúsculos – olhos que pareciam estar sendo forçados a se fechar pelos músculos das bochechas –, levantou a mão. Os dedos estavam dobrados, quase formando um punho fechado. Sua voz era lenta, ponderada, solícita.

– Você está perguntando se às vezes a gente acredita no que quer acreditar?

– É exatamente isso que estou perguntando. O que você acha?

Os olhos franzidos se abriram um pouco.

– Acho que sim. É da natureza humana. – Ele pigarreou. – Vou falar por mim. Já cometi erros por causa disso. Não porque quero acreditar em coisas boas sobre as pessoas. Estou na ativa há um bom tempo, não tenho muitas ilusões sobre os motivos delas, sobre o que estão dispostas a fazer. – Ele mostrou os dentes numa repulsa aparente por alguma imagem passageira. – Já vi minha cota de brabeiras. Um monte de gente nesta sala já viu a mesma merda. Mas o que estou dizendo é que às vezes eu tenho uma ideia sobre alguma coisa e posso nem saber quanto quero que essa ideia esteja certa. Tipo: *eu sei o que aconteceu*, ou *eu sei* exatamente como algum escroto pensa. *Eu sei* por que ele fez o que fez. Só que às vezes... não com frequência, só às vezes... não sei merda nenhuma, só acho que sei. Na verdade tenho certeza de que sei. É como um risco ocupacional. – Ele ficou em silêncio, dando a impressão de que estava pensando nas implicações sinistras do que havia dito.

De novo, talvez pela milésima vez na vida, Gurney lembrou-se de que suas primeiras impressões não eram especialmente confiáveis.

– Obrigado, detetive Beltzer – disse ao grandalhão, olhando o crachá dele.

– Foi muito bom. – Em seguida examinou os rostos à sua frente e não viu qualquer sinal de discordância. Até Falcone pareceu humilde.

Gurney aproveitou um minuto para tirar uma pastilha de hortelã de uma caixinha e colocar na boca. Estava embromando para deixar que os comentários de Beltzer penetrassem nas mentes antes de continuar.

– Na cena à qual assistimos – falou ele com um novo ânimo – o interrogador podia *querer* acreditar que o colapso do rapaz era verdadeiro por vários motivos. Cite um. – Ele apontou para um policial ao acaso, que ainda não havia falado.

O sujeito piscou, parecendo sem graça. Gurney esperou.

– Acho... acho que ele poderia gostar da ideia de que conseguiu fazer o garoto revelar a história... você sabe, de que teve sucesso com o interrogatório.

– Sem dúvida – concordou Gurney. Em seguida atraiu o olhar de outro aluno que até então estava em silêncio. – Diga mais um.

O rosto irlandês por baixo de um cabelo laranja cortado à escovinha riu.

– Talvez ele tenha achado que havia ganhado alguns pontos. Talvez devesse prestar contas a alguém. Talvez gostasse da ideia de entrar na sala do chefe dizendo: “Olhe o que eu fiz.” Conseguir alguma vantagem. Talvez um estímulo para uma promoção.

– Claro, dá para ver isso – assentiu Gurney. – Alguém pode citar outro motivo para ele querer acreditar na história do garoto?

– Poder – disse a jovem hispânica, com desdém.

– Como assim?

– Ele poderia gostar da ideia de que forçou o sujeito a contar a verdade, a admitir coisas dolorosas, a entregar o que ele estava tentando esconder, a expor a vergonha, que o fez se arrastar, até chorar. – Ela parecia sentir algum fedor. – Ele poderia ter um barato com isso, se sentir o próprio super-homem, o próprio gênio superpoderoso. Tipo Deus.

– Uma grande vantagem emocional – disse Gurney. – Isso poderia distorcer a visão do sujeito.

– Ah, sim – afirmou ela. – Bastante.

Gurney viu a mão de alguém se levantar no fundo da sala. Era um homem moreno com cabelo curto e ondulado que ainda não havia se pronunciado.

– Com licença, senhor, estou confuso. Hoje há um seminário sobre técnicas de interrogatório e outro sobre trabalho sob disfarce neste prédio. Dois seminários separados, certo? Eu me inscrevi no de trabalho sob disfarce. Estou no lugar certo? Isso que estou ouvindo tem tudo a ver com interrogatório.

– Você está no lugar certo – informou Gurney. – Estamos aqui para falar de trabalho sob disfarce, mas há uma ligação entre as duas atividades. Se você entender como um interrogador está sujeito ao erro por causa daquilo em que ele quer acreditar, pode usar o mesmo princípio para que o alvo de sua operação sob disfarce acredite em você. Basta agir de modo que o alvo “descubra” os fatos em que você quer que ele acredite a seu respeito. É só dar a ele um motivo poderoso para engolir seu papo furado e fazer com que ele *queira* acreditar em você, assim como o cara do filme *quer* acreditar na confissão. Os fatos que uma pessoa acha que descobriu têm uma credibilidade enorme. Quando seu alvo acredita que sabe coisas a seu respeito *que você não quer que ele saiba*, essas coisas vão parecer duplamente verdadeiras para ele. Quando ele achar que chegou além da sua camada superficial, o que ele descobrir nessa camada mais funda será visto como a verdade *verdadeira*. É o que eu chamo de ilusão do eureka. É esse truque específico da mente que dá total credibilidade ao que você acha que descobriu sozinho.

– A ilusão do *quê*? – A pergunta veio de várias direções.

– A ilusão do *eureka*. É uma palavra grega que pode ser traduzida mais ou menos como “eu descobri” ou, no contexto em que a estou usando, “eu descobri a verdade”. O fato é que – Gurney começou a falar mais devagar para enfatizar a nova afirmação – *as histórias que as pessoas contam sobre si mesmas podem ser falsas. Mas o que você descobre sozinho sobre elas parece ser a verdade*. Portanto, o que estou dizendo é o seguinte: deixe o seu alvo achar que está descobrindo algo a seu respeito e ele sentirá que realmente conhece você. É nesse ponto que vocês terão estabelecido a Confiança, com C maiúsculo, que faz com que tudo seja possível. Vamos passar o restante do dia mostrando como fazer com que seu alvo ache que está descobrindo sozinho aquilo em que você quer que ele acredite a seu respeito. Mas antes vamos fazer uma pausa.

Ao dizer isso, Gurney percebeu que havia crescido numa era em que “uma pausa” significava automaticamente um intervalo para o cigarro. Agora, para quase todo mundo, queria dizer um tempo para falar ao celular ou enviar uma mensagem de texto. Como para ilustrar essa ideia, a maioria dos policiais que se levantaram e foram para a porta estava pegando seus smartphones.

Gurney respirou fundo e se espreguiçou devagar, alongando-se de um lado para o outro. A introdução da palestra havia criado mais tensão muscular do que ele imaginara.

A policial hispânica esperou que a multidão de pessoas com celulares passasse e se aproximou de Gurney enquanto ele tirava a fita de vídeo do aparelho. Seu cabelo era grosso e emoldurava o rosto numa massa de mechas macias e encaracoladas. O corpo cheio estava enfiado em jeans pretos apertados e em um suéter cinza justo e decotado. Os lábios brilhavam.

– Só queria agradecer a você – disse ela com o rosto concentrado e a testa franzida. – Foi muito bom.

– O quê? A fita?

– Não, você. Quero dizer... Bem... – Seu rosto estava sendo tomado por um rubor que não combinava com sua postura séria. – Sua apresentação toda, a explicação sobre por que as pessoas acreditam nas coisas, por que acreditam mais em determinadas coisas que em outras, tudo isso, como o negócio da *ilusão do eureka*. Isso me fez pensar de verdade. Toda a apresentação foi muito boa.

– Suas contribuições ajudaram a torná-la boa.

Ela sorriu.

– Acho que nós só estamos na mesma vibração.

INFORMAÇÕES SOBRE OS
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br